

Nobreza, linhagem e parentesco na *Crônica de Hainaut*, de Gisleberto de Mons (c. 1150-1225)

Igor Eduardo Alves^{1*} (IC), Guilherme Queiroz de Souza² (PQ)

E-mail: igoreduardo-magalhaes@hotmail.com

Universidade Estadual de Goiás – Goianésia, Goiás. CEP.: 76.380-000

Resumo: A *Crônica de Hainaut* traz relatos da vida de Balduíno V, também chamado de “corajoso”, que governou “poderosamente” o condado de Hainaut e mais tarde também o de Namur e o de Flandres, bem como sua genealogia e os principais acontecimentos desta grande linhagem, desde Balduíno I a Balduíno V (séculos XI-XII). Essa crônica foi escrita pelo clérigo flamengo Gisleberto de Mons (c. 1150-1225), trazendo elementos fundamentais para a compreensão das relações sociais, políticas, econômicas, religiosas e a mentalidades da sociedade medieval. Para analisá-la, levamos em consideração que as crônicas são produtos de uma sociedade e a elas devem ser atribuídas uma lógica social, com destaque para seus simbolismos, mitos e inverdades. A genealogia, também muito importante nesse período, era uma forma eficaz de demonstrar uma continuidade social e política. A *Crônica de Hainaut* é um documento fundamental, mas pouco utilizado para os estudos e pesquisas em História Medieval no Brasil.

Palavras-chave: Idade Média. Crônica de *Hainaut*. Nobreza.

Introdução

Com enfoque na nobreza da *Crônica de Hainaut* de Gisleberto de Mons (c. 1150-1225) essa pesquisa tratou de analisar a importância das relações entre nobres (*nobilis*) feitas a partir de alianças e casamentos, as noções de parentesco e linhagem e as relações entre cavalaria e nobreza. Essa obra traz relatos da vida de Balduíno V, também chamado de “corajoso”, que governou “poderosamente” o condado de Hainaut e mais tarde também o de Namur e o de Flandres, bem como sua genealogia e os principais acontecimentos desta grande linhagem, desde Balduíno I a Balduíno V (séculos XI-XII). A crônica foi escrita pelo clérigo flamengo Gisleberto de Mons, trazendo elementos fundamentais para a compreensão das relações sociais, políticas, econômicas, religiosas e a mentalidades da sociedade medieval.

Material e Métodos

Trabalhamos comparativamente com as edições em espanhol, inglês e português da *Crônica de Hainaut* (fim do século XII). Quando ocorreram problemas conceituais ou de tradução, consultamos a edição original em latim. A metodologia empregada nessa pesquisa estava pautada na análise texto-contexto, sempre atento ao discurso e seu discurso simbólico, que faz parte da cultura medieval. Em outras palavras, relacionamos texto (fonte primária) e contexto, sempre à luz da historiografia especializada.

Partimos do princípio de que as crônicas são produtos de uma sociedade a elas devem ser atribuídas uma lógica social e devem ser considerados os seus simbolismos, mitos e inverdades (AURELL, 2005: p. 184-208). A genealogia é uma forma eficaz de demonstrar uma continuidade social e política.

Resultados e Discussão

A nobreza na Alta Idade Média se considerava parte de uma raça sagrada; já no século XII, ela passa a ter um estatuto jurídico próprio onde a nobreza passa a ser hereditária. No início da Idade Média Central, para se ter legitimidade e poder era necessário recorrer a uma linhagem nobre e nesse período que cavalaria e nobreza se fundem através de indicações de genealogias e filiações. Há também nesse período o que é chamado de pseudo-parentesco uma forma de relação social entre indivíduos, criando assim uma vasta e acentuada rede de parentesco. Para ser considerado nobre era necessário provar essa nobreza através dos seus antepassados além de ter desejo pelo combate, ser sábio e ter personalidade.

É, portanto, antes de tudo a dignidade do comportamento de certos seres. Homens e mulheres, que lhes vale o qualificativo de “nobre”. “Ele é sinônimo de “notável”, “digno de admiração”, “celebre”, “reputado”, e destaca ao mesmo tempo a excelência moral e a notoriedade social recorrente. (FLORI, 2005: p. 115).

A nobreza medieval dava muita importância ao matrimônio, ele como sacramento indissolúvel, a certeza da perpetuação da nobreza. Vemos no decorrer da crônica uniões entre nobres para que o poder e a autoridade das duas famílias

pudessem se estender por mais longos anos. Essa afirmação pode ser constatada nesse trecho:

Das três filhas do segundo matrimônio de Godofredo, a duquesa de Zähringen teve três filhos [...]. A duquesa teve também uma filha que foi tomada por esposa pelo mais poderoso dos chefes, Henrique, duque da Saxônia. **Contudo, o imperador de Roma, Frederico, temeu essa aliança entre dois homens tão poderosos como o duque da Saxônia e o duque de Zähringen e que pudessem opor-lhe resistência. Por isso, tentou e conseguiu rompê-la através do divórcio.** Para diminuir ainda mais a influência destes dois homens, expulsou Raul, arcebispo eleito, da sede de Mogúncia. (GISLEBERTO DE MONS, s/d: p. 24, grifo nosso)

Também no século XII são apresentadas três ordens: *oratores*, *bellatores* e *laboratores* como uma nova divisão social: os que oram, os que guerreiam e os que trabalham. Nessa divisão havia um espírito de conformidade como sendo predestinação ou vontade divina que assim o fosse. Podemos constatar essa ideologia nos escritos de Aldalberon de Laon:

O domínio da fé é uno, mas há um triplo estatuto na Ordem. A lei humana impõe duas condições: o nobre e o servo não estão submetidos ao mesmo regime. Os guerreiros são protetores das igrejas. Eles defendem os poderosos e os fracos, protegem todo mundo, inclusive a si próprios. Os servos, por sua vez, têm outra condição. Esta raça de infelizes não tem nada sem sofrimento. Fornecer a todos alimentos e vestimenta: eis a função do servo. A casa de Deus, que parece una, é portanto tripla: uns rezam, outros combatem e outros trabalham. Todos os três formam um conjunto e não se separam: a obra de uns permite o trabalho dos outros dois e cada qual por sua vez presta seu apoio aos outros. (FRANCO JÚNIOR, 1983: p. 34)

Com a apresentação dessas “três ordens”, os chamados *milites* passam a fazer parte da ordem dos *bellatores* se fundindo após se submeterem ao ritual de *adoubement*. Esses *milites* passam a ser considerados cavaleiros sacralizados pela Igreja, se tornando responsáveis pelo combate a heresias, defender crianças, pobres, e viúvas e os nobres passam também a ingressar nessa nova ordem como como Balduíno V:

No ano do Senhor de 1168, durante a Vigília Pascoal [...] o frequentemente mencionado conde Balduíno [IV] [...] ordenou o seu filho Balduíno[V] cavaleiro com honra e alegria. Então se cumpriu plenamente o que o conde tinha desejado por um longo tempo, porque muitos anos se passaram sem nunca um conde de Hainaut conseguir ver um de seus filhos feito cavaleiro [...] (GISLEBERTO DE MONS, s/d: p. 40)

Outro aspecto importante analisado na Crônica são as relações feudo-vassálicas, as obrigações e benefícios entre vassalos e senhores. Como podemos analisar nesse trecho da obra: “[...] e após ter feito homenagem lígia a um

personagem tão ilustre como Balduíno II, foi acertado que, desde então, o conde de Hainaut deveria servir e socorrer seu senhor, o bispo de Liège, sempre que necessário, com seus próprios homens, a cavalo ou a pé [...]” (GISLEBERTO DE MON, s/d: p. 6).

O vassalo tinha como obrigação prestar auxílio militar, ajuda financeira, fidelidade e aconselhamento. Por sua vez o suserano tinha a obrigação de defender e dar proteção ao vassalo e atribui-lhe um feudo, e é graças a essa aliança entre Teoduíno bispo de Liège e Balduíno II que ele e a condessa Riquilda conseguem combatentes para reaver Flandres que Roberto frisão tomara de Arnulfo.

Considerações Finais

A *Crônica de Hainaut* relevou-se um documento fundamental para a compreensão das relações nobiliárquicas da Europa feudal (séculos XI-XII). Durante a análise e mapeamento dessas intrincadas relações de parentesco, linhagem, alianças e casamentos, conseguimos aprofundar nosso conhecimento em relação a essa esfera importante da sociedade medieval, o que contribui com o crescimento dos estudos medievais no Brasil, especialmente em Goiás.

Agradecimentos

Agradecemos à Universidade Estadual de Goiás (UEG/Goianésia) pelo incentivo e ao Professor Dr. Guilherme Queiroz de Souza pela orientação e solicitude de sempre.

Referências

Fontes primárias:

GISLEBERTO DE MONS. **Crônica de Hainaut (c.1171-1195)**. Tradução e notas de Ricardo da Costa, com revisão de Francisco José Pereira das Neves Vieira. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/cronica-de-hainaut>>. Acesso em 05/06/2017

Fontes secundárias:

AURELL, Jaume, O novo Medievalismo e a interpretação dos textos históricos. **Roda da Fortuna. Revista eletrônica sobre antiguidade e medievo**, 2015, vol. 4, n. 2, p. 184-208.

DUBY, Georges. **A sociedade cavaleiresca**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FLORI, Jean. **A Cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média**. São Paulo: Madras, 2005.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **O Feudalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GÉNICOT, Léopold. Nobreza. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: EDUSC, 2006, vol. 2, p. 279-291.

GANSHOF, François-Louis. **Que é o Feudalismo?** Lisboa: Publicações Europa-América, 1968.

SOUZA, Guilherme Queiroz de. Adoubement e Cavalaria no Ocidente feudal: o Eracle (c. 1159-1184) de Gautier d'Arras. **Mirabilia: Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval**, vol 21, 2015, p. 374-396. Disponível em: <<http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/21-21.pdf>>.